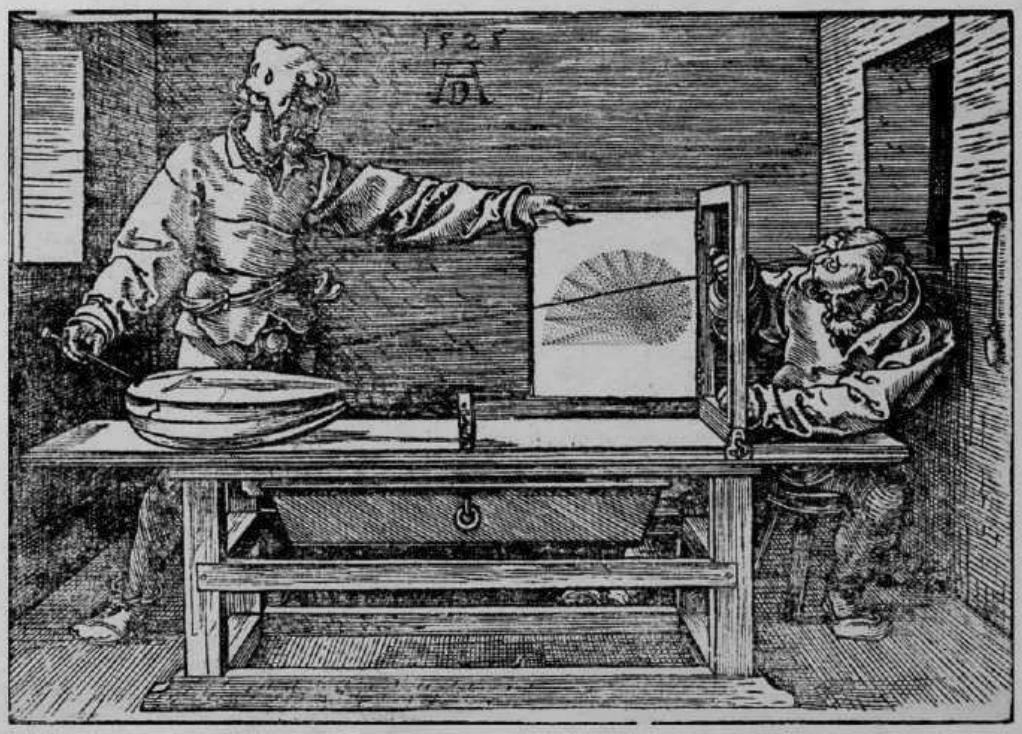
SANDRA MARA
CORAZZA
(ORG.)

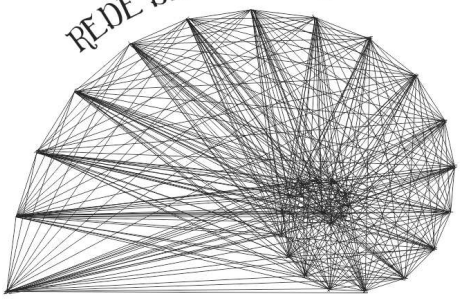


MÉTODOS DE TRANSCRIAÇÃO:

PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA

OIKOS
EDITORA

REDE DE PESQUISA



ESCRILEITURAS

DA DIFERENÇA EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO

APOIO:

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

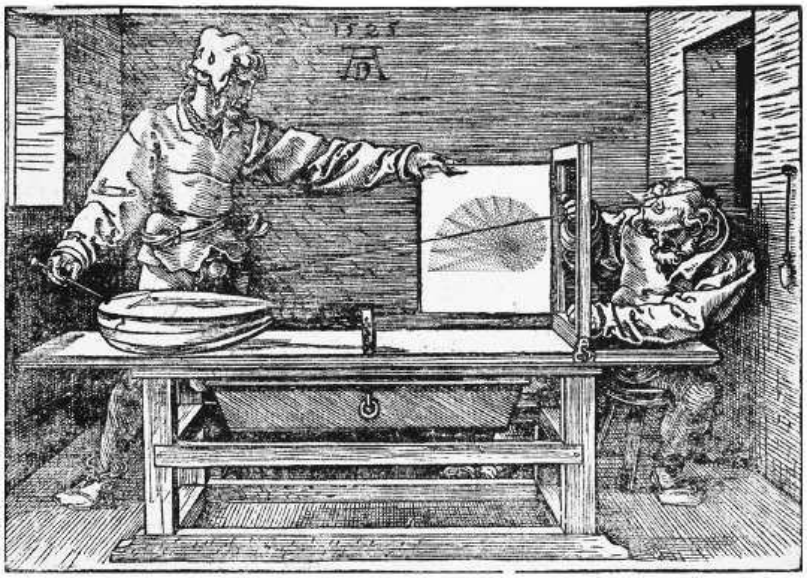
PPGEDU
UFRGS
FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

CAPES

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) via Bolsa de Produtividade 1B 303430/2018-4 (2019-2023).

SANDRA MARA
CORAZZA
(ORG.)



MÉTODOS DE TRANSCRIAÇÃO

PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA

OKOS EDITORA
São Leopoldo
2020

© Dos autores – 2020

Editoração e capa: Fabiano Neu

Imagem da capa: *Man drawing a lute*, de Albrecht Dürer, com intervenção de Fabiano Neu

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Unisinos)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)
Marluza M. Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

M593 Métodos de transcriação: pesquisa em educação da diferença. / Organizadora: Sandra Mara Corazza. – São Leopoldo: Oikos, 2020.
594 p.; il.; 18 x 25cm.
ISBN 978-65-86578-28-7
1. Formação – Professor. 2. Educação – Práticas de pesquisa. 3. Escrileituras – Transcriação – Filosofia da diferença. I. Corazza, Sandra Mara.

CDU 371.13

Catalogação na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Ao BOP de todos os tempos.

SUMÁRIO

I
A PROLUSÃO

13 | METODOSOFIA: CONTRATO DE TRADUÇÃO
Sandra Mara Corazza

II
OS MÉTODOS

37 | ARQUIVAR, CLASSIFICAR, INVENTARIAR:
O CORPO DÍSPAR DA/NA PESQUISA EDUCACIONAL
Angélica Vier Munhoz
Julio Groppa Aquino

59 | EM QUE SE PODE RECONHECER UMA PESQUISA RIZOMA?
NOTAS SOBRE O QUE PODE VIR A SER
Claudia Madruga Cunha

87 | DOCÊNCIA, PESQUISA E APROPRIAÇÃO:
MONTAGEM DE UM MÉTODO NÃO ORIGINAL
Cristiano Bedin da Costa

115 | PROCEDIMENTO GENEALÓGICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO
Deniz Alcione Nicolay

137 | POR UMA (DES)EDUCAÇÃO MUSICAL – UM MÉTODO
Eduardo Guedes Pacheco

159 | MÉTODO DE TIMPANIZAÇÃO: POSSIBILIDADES INVENTIVAS EM OFICINAS DE SAÚDE-EDUCAÇÃO
Emília Carvalho Leitão Biato

181 | ESCREVER O DISCURSO DE OUTROS, COM OUTROS: UMA EXPERIÊNCIA IMANENTE DE ESCRITA-PESQUISA
Ester Maria Dreher Heuser
Adriana Muniz Dias
Roberto Corrêa Scienza

205 | MÉTODO DA JOGATINA: ROUBOS, TRAIÇÕES, LANCES
Fabiane Olegário
Sandra Mara Corazza

225 | AS PEQUENAS RECOLHAS DA *PÓS-DRAMATURGIA DO ENCONTRO*: BREVE INVENTÁRIO DE UM MÉTODO
Fabíola Rahde Fernandes
Eduardo Guedes Pacheco

249 | APRESENTAÇÃO DO CRITÉRIO IMANENTE: POR UMA CRISE DA AVALIAÇÃO
Gabriel Sausen Feil

265 | *INVENTÁRIO [GAGO] DOS PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO*: BLOCO DE CONCEITOS OPERATÓRIOS RIGEEA
Gabriel Sausen Feil
Fabiano Neu Pinto

287 | CAMINHAR, NARRAR, MAPEAR, RELACIONAR E ANALISAR: PROCEDIMENTOS DE UM MÉTODO CARTOGRÁFICO
Gustavo de Oliveira Nunes
Carla Gonçalves Rodrigues

313 | RUMINAR UM ARQUIVO COMO UMA VACA DE NIETZSCHE
Inauã Weirich Ribeiro
Angélica Vier Munhoz

335 | UM SÓ OU VÁRIOS MAPAS?
CARTOGRAFIA DE UMA DOCÊNCIA EM ESTILO ANIMAL
Josimara Wikboldt Schwantz
Carla Gonçalves Rodrigues

361 | PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS DE INVENÇÃO:
A POTÊNCIA DOS SIGNOS DAS ARTES
Karen Elisabete Rosa Nodari
Sandra Mara Corazza

377 | A PESQUISA DIDÁTICA E O MÉTODO DE DRAMATIZAÇÃO
Marcos da Rocha Oliveira

397 | MÉTODO ESPIRITOGRÁFICO: OFIS-SOFIA VALÉRYANA
Maria Idalina Krause de Campos
Sandra Mara Corazza

423 | O MÉTODO SONHOGRÁFICO
Marina dos Reis

451 | *MANIERA MOÎRAI*
Paola Zordan
Anderson Luiz de Souza

475 | MIL MÉTODOS COM A FILOSOFIA DE DELEUZE
Paola Zordan
Martha Narvaz

501 | NOODRAMATIZAÇÃO DO CURRÍCULO:
INVENÇÃO DE UM ARQUIARQUIVO
Polyana Olini
Sandra Mara Corazza

523 | MÉTODO MAQUINATÓRIO DE PESQUISA
Róger Albernaz De Araujo
Sandra Mara Corazza

551 | LABIRINTO OTOBIOGRÁFICO
Silas Borges Monteiro

III

O FECHO

577 | ERA UMA VEZ O QUAD DOCENTE E O MÉTODO AMIGO
Sandra Mara Corazza

IV

OS AUTORES

—

587

ARQUIVAR, CLASSIFICAR, INVENTARIAR: O CORPO DÍSPAR DA/NA PESQUISA EDUCACIONAL

Angélica Vier Munhoz
Julio Groppa Aquino

O presente artigo[1] deriva de uma investigação acerca dos empregos da ideia de corpo na pesquisa educacional, tendo como suporte teórico-metodológico a noção de arquivo segundo Michel Foucault (2015, p. 158), para quem esta descreve

> [...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos.

Longe de consistir em um depósito estanque das representações ou das mentalidades correntes em determinada época, o arquivo, para Foucault, consiste no conjunto de regras que permite o aparecimento, a ativação e o apagamento de determinados mecanismos veridictivos, cujos ecos prolongam-se no presente. Na contramão de uma história linear obstinada em compilar/interpretar fatos supostamente paradigmáticos, Foucault (2008) compreende o arquivo como um conjunto articulado de discursividades que se desloca, se transforma e se atualiza de modo permanente. Instância de recriação de novos sentidos históricos, por meio da reativação das problematizações a eles subjacentes, o arquivo, na perspectiva adotada por Foucault, remete fundamentalmente a uma inquirição permanente do próprio presente e suas forças discursivas prevalentes sequiosas de naturalização.

---

1 Este artigo foi publicado na Revista Currículo sem fronteiras, v. 20, n. 1, p. 313-331, jan./abr. 2020, com o título *Inventariando o corpo na pesquisa educacional: sobre a constituição de um arquivo proliferante*. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol20iss1articles/munhoz-aquino.pdf

O *approach* arquivístico descreve, assim, um "[...] pequeno gesto que consiste em deslocar o olhar, ele torna visível o que é visível, faz aparecer o que está tão próximo, tão intimamente ligado a nós que, por isso mesmo, não o vemos" (Foucault, 2011, p. 246).

Em meio a tal perspectiva geral, partiu-se de uma seleção dos resumos de artigos de 55 periódicos da área educacional que constaram do sistema Qualis Periódicos da CAPES como A1, A2 e B1, segundo o último quadriênio avaliativo (2013-2016), os quais foram publicados no período de 1997 a 2018.

Cumpre informar que foram eleitas apenas as produções do campo educacional *stricto sensu*, uma vez que outras áreas de conhecimento têm alguns de seus periódicos contemplados ali. Ainda, tratou-se de privilegiar os periódicos que abarcavam concomitantemente diferentes subáreas do campo educacional, preterindo-se, portanto, as publicações de cunho mais temático (por exemplo, de história da educação ou de educação matemática, dentre outras).

A demarcação do período 1997-2018 baseou-se no advento da Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9394/96, a qual entrou em vigor em 20 de dezembro de 1996, tomada aqui como marco histórico no que se refere não apenas às balizas legais do campo, mas sobretudo aos modos de pensamento aí em circulação.

A imersão no material selecionado voltou-se, inicialmente, ao arquivamento das aparições da ideia de corpo nos resumos, a partir dos descritores *corpo, corporal e corporeidade*. No segundo momento, o trabalho consistiu em um movimento de arquivização de tais achados. Arquivamento e arquivização constituem-se como dois procedimentos de um mesmo processo analítico, tal como afirmam Aquino e Val (2017, p. 48), para quem "[...] a obstinação documentária está para o primeiro procedimento [arquivamento] do mesmo modo que a imaginação recriadora está para o segundo [arquivização]". Assim, se o arquivamento diz respeito à reorganização de fontes, a arquivização possibilita encontrar, em meio a tais fontes, a potência de sua recriação e revitalização. Dito de outro modo, tais gestos articulados possibilitam endereçar-se às produções discursivas atinentes ao tema sob escrutínio por meio da configuração das problematizações que facultaram a consecução e a reinvenção dos discursos sobre o corpo na pesquisa educacional brasileira.

O arquivamento efetuado sinaliza, em primeira instância, aquilo que, supõe-se, é conhecido de antemão: no discurso educacional, o corpo aparece de diferentes formas, por meio de diferentes agenciamentos. Mas como dar visibilidade a essa produção discursiva? Como arquivizá-la? O desafio que se impôs então foi o de inventar um modo de tratamento específico do material, apontando para a constituição de séries – estas compostas, sobretudo, de modulações e ondulações narrativas em torno do tema nas produções veiculadas nos periódicos da área –, sem, contudo, qualquer intenção de "[...] realizar interpretação dos textos selecionados, sem vasculhar por detrás ou além deles em busca de um sentido latente ou perdido, enfim, sem tentar legitimá-los ou os invalidar" (Aquino & Val, 2017, p. 47).

A escolha de um *approach* analítico desse timbre envolve um exercício de configuração das tensões discursivas aí em curso, o qual implica, por sua vez, a produção de novos sentidos àquilo com que ali se deparou. Nessa perspectiva, tomamos os registros sobre o corpo e os reorganizamos segundo alguns tópicos: multiplicidade de temas; autores de referência; áreas de abrangência etc. O que interessa, aqui, é dar a ver as reincidências discursivas, suas saturações e, ao mesmo tempo, suas reinvenções constantes. Contudo, é preciso reconhecer que a tentativa diligente de classificação também mostra sua insuficiência, pois, ao buscar enquadrar o material arquivado segundo estas ou aquelas categorias, apercebe-se, de imediato, de que muitos elementos aí presentes revelam-se inclassificáveis.

Desta feita, buscou-se endereçar-se ao arquivo de diferentes maneiras, assim como criar estratégias para perfurá-lo, percorrendo seus movimentos, encontrando conexões, aproximando heterogêneos. Eis o primeiro movimento.

Em torno de um arquivamento da ideia de corpo

Da investida analítica primeira, destacamos os seguintes achados: no montante de 30.487 resumos constantes de 2.588 números (quadro I abaixo), foram rastreados 892 resumos referentes à noção de corpo e seus respectivos desdobramentos.

Periódico	Números publicados	Resumos (1997-2018)	Resumos relacionados ao tema corpo
Educação & Sociedade	88	1231	16
Educar em Revista	73	1080	46
Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade	47	879	15
Pro-Posições	66	744	53
Educação e Pesquisa	66	807	20
Cadernos de Pesquisa (FCC)	68	799	14
Educação & Realidade	61	831	53
Educação Pública	63	687	16
Educação PUCRS	67	780	14
Revista Brasileira de Educação	71	783	23
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	53	864	32
Revista Teias	53	804	19
Revista Diálogo Educacional	60	766	06
Educação em Revista	56	794	24
ETD - Educação e Temática Digital	60	748	46
Perspectiva	59	708	16
Revista Educação UFSM	56	684	26
Comunicações	51	636	26
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	53	608	07
Cadernos de Educação	54	578	15
Reflexão e Ação	49	588	21
Série-Estudos	46	538	02
Educação Unisinos	50	560	11
Revista Espaço Pedagógico	27	507	09
Linhas Críticas	47	511	04
Inter-ação	46	494	17
Revista Educação em Questão	58	486	10
EccoS – Revista Científica	47	462	07
Atos de Pesquisa em Educação	41	482	29
e-Curriculum	51	515	15
Cadernos CEDES	65	413	28
Educação em Foco (UFJF)	47	482	15
Horizontes	41	469	06
Revista de Educação PUC - Campinas	48	459	06
Educação Teoria & Prática	41	404	14
Roteiro	49	436	07
Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional	37	476	14

Linguagens, Educação e Sociedade	12	440	16
Revista Educação e Cultura Contemporânea	41	477	16
Currículo Sem Fronteiras	44	434	22
Educação, Ciência e Cultura	46	421	11
Revista Educativa – Revista de Educação	56	422	10
Em Aberto	18	313	10
Revista Eletrônica de Educação - Reveduc	29	406	06
Revista Cocar	23	387	26
Práxis Educacional	28	366	05
Quaestio	42	367	07
Revista Práxis Educativa	30	364	06
Acta Scientiarum Education	27	333	04
Tempos e Espaços em Educação	28	386	36
Retratos da Escola	22	318	07
Educação em Foco (UEMG)	35	304	02
Imagens da Educação	24	217	05
Cadernos de Pesquisa (UFMA)	48	236	09
Educação em Perspectiva	20	203	01
Total	**2.588**	**30.487**	**892**

1. Multiplicidade dos temas correlatos

O corpo incide sobre vários outros temas. O quadro abaixo (II) mostra o número de vezes em que, nos resumos selecionados, tais temas cruzam-se com o corpo. Cabe destacar que, mesmo que cada um desses unitermos possa ter aparecido diversas vezes no mesmo resumo, tal encontro foi registrado uma única vez.

A organização por grupos temáticos dá-se por aproximação semântica, não sendo, portanto, definitiva, uma vez que muitos conceitos/noções poderiam ser enquadrados em outros grupos. O que importa aqui não é a estabilidade das classificações, mas o processo heteróclito, em contínua atualização, que as caracteriza.

Mesmo que haja uma tentativa de ordenar os achados em determinadas maneiras (grupos, listas, séries...), estas, por sua vez, tornam-se rapidamente disformes, na medida em que outros elementos se avizinham e findam por desarranjar as composições já organizadas.

GRUPO 01	Nº	GRUPO 02	Nº	GRUPO 03	Nº
Contemporaneidade	02	Cuidado/Cuidar	03	Butô	02
Modernidade	07	Morte	04	Contact Improvisation	02
Pós-Modernidade	03	Saúde	17	Dança de rua	03
		Transtornos	02	Teoria ator-rede	02
		Obesidade	02		
		Medicalização	02		
GRUPO 04	**Nº**	**GRUPO 05**	**Nº**	**GRUPO 06**	**Nº**
Autor/autoria	02	Bebês	09	Ciberespaço	01
Cartografia	09	Brincar	07	Cultura digital	04
Escrita	07	Cultura infantil	02	Juventude/adolescência	24
Leitura	04	Infância	52	Mídia	10
Narrativas	05	Jogo	04	Redes sociais	02
		Lúdico/ludicidade	04	TICs	06
GRUPO 07	**Nº**	**GRUPO 08**	**Nº**	**GRUPO 09**	**Nº**
Direitos humanos	01	Educação sexual	03	Alteridade	01
Ditadura	02	Feminismo	12	Bullying	03
Movimentos sociais	02	Gênero	125	Deficiência	12
Neoliberalismo	02	Homofobia	03	Diferença	13
Políticas públicas	06	Homossexualidade	02	Exclusão	04
Resistência	02	Masculinidade	11	Inclusão	11
Anarquismo	01	Queer	13	Normalidade(zação)	03
		Sexualidade	56	Surdez	08
		Diversidade sexual	04		
		Heteronormatividade	03		
GRUPO 10	**Nº**	**GRUPO 11**	**Nº**	**GRUPO 12**	**Nº**
Carne	02	Cultura	34	Consumo	02
Castigos corporais/ torturas	**04**	Diversidade	10	Cidade	07
Cultura do corpo	**10**	Eugenia	05	Drogas	01
Fitness	**06**	Identidade	14	Família	01
Movimento	**10**	Imigração	01	Lazer	02
Pedagogias/educação do corpo	**15**	Indígena	07	Museus	02
Performatividade	**05**	Raça	13	Práticas culturais	10

Práticas corporais	**25**	Representação	14	Sociedade	06
Imagem corporal	**04**	Velhice/Terceira Idade	08	Trabalho	12
GRUPO 13	**Nº**	**GRUPO 14**	**Nº**	**GRUPO 15**	**Nº**
Biopoder	10	Aprendizagem/ aprender	28	Afetos	07
Biopolítica	08	Aula	01	Agenciamento	01
Disciplina	21	Avaliação	02	Autopoésis	01
Discurso	18	BNCC	01	Corpo sem órgãos	03
Dispositivos	03	Conhecimento	04	Criação	04
Governamento/ governamentalidade	12	Cultura escolar	04	Desejo	02
Poder	13	Currículo	37	Devir	02
Saber	08	Ensino	11	Educação dos sentidos	02
Sociedade do controle	01	Escola	49	Estética	28
Subjetividade/Modos de Subjetivação	33	Escolarização	03	Ética	12
Heterotopias	02	Espaço	01	Experiência	20
Cuidado de si	06	Formação docente	53	Experimentação	06
		LDB	01	Gestos	03
		PCNs	01	Imaginário	03
		Práticas pedagógicas/ educativas	19	Oficina	03
		Relação professor – aluno	03	Pedagogia do sensível	01
		Sala de aula	01	Práticas de si/Exercício de si	09
		Tempo escolar	06	Poética	11
		Transdisciplinaridade	03	Potência	01
		Docência	04	Sensibilidade	11
		Fracasso escolar	02	Sociopoética	01
		Escotismo	02		

2. Autores de referência

Nesse ítem foram ordenados os autores de referência conforme seu aparecimento nos resumos selecionados, a partir do descritor corpo (e seus desdobramentos). Cabe destacar que somente foram classificados os autores de base, e não seus comentadores, embora houvesse muitos.

Certamente subclassificações poderiam ter sido criadas nessa categoria: autores clássicos e comentadores, autores brasileiros e estrangeiros, autores modernos e pós-modernos, autores homens e mulheres, autores por sua nacionalidade. No entanto, partimos apenas de uma classificação geral, no sentido de dar visibilidade às referências usuais que se encontram relacionadas ao tangenciamento do tema corpo no material investigado.

Autor(es)	**Número de vezes em que é(são) citado(s)**
Michel Foucault	59
Gilles Deleuze	32
Theodor Adorno	16
Maurice Merleau-Ponty	14
Friedrich Nietzsche	12
Pierre Bourdieu	12
Gilles Deleuze e Félix Guattari	08
Paulo Freire	07
Baruch Spinoza	06
Lev Vygotsky	06
Jacques Lacan	05
Max Horkheimer	05
Gaston Bachelard	04
Humberto Maturana	04
Karl Marx	04
Mikhail Bakhtin	04
Sigmund Freud	04
Jean Piaget	03
Judith Butler	03
Antonin Artaud	02
Antônio Gramsci	02
Georg W. F. Hegel	02
Giorgio Agamben	02
Hans Georg Gadamer	02
Henry Wallon	02
Jacques Rancière	02
Jean-Jacques Rousseau	02
Claude Lévi-Strauss	02
Marcel Mauss	02

Norbert Elias	02
Paul Zumthor	02
Peter Sloterdjik	02
Platão	02
Roland Barthes	02
Walter Benjamin	02
Zygmunt Bauman	02
Anísio Teixeira	01
Arthur Schopenhauer	01
Alain Badiou	01
Bertolt Brecht	01
Boaventura de Souza Santos	01
Claude Passeron	01
Cornelius Castoradius	01
Cristoph Türcke	01
Donna Haraway	01
Immanuel Kant	01
Émile Jacques Dalcroze	01
Emilia Ferreiro e Ana Teberosky	01
Emmanuel Levinas	01
François Dubet	01
François Delsarte	01
Georg Lukács	01
Georges Didi-Huberman	01
Georges Vigarello	01
Gilbert Simondon	01
Hannah Arendt	01
Hélio Oiticica	01
Henry Bergson	01
Herbert Marcuse	01
Howard Gardner	01
Jacques Derrida	01
Jacques-Paul Sartre	01
Julia Kristeva	01
Klaus Vianna	01
Lygia Clark	01
Matthew Lipman	01
Max Stirner	01
Max Weber	01
Michel de Certeau	01

Michel Mafessoli	01
Nikolas Rose	01
Paul Ricoeur	01
Paul Valéry	01
Jan Masschelein	01
Pierre Lévy	01
Pina Bausch	01
René Descartes	01
Rudolf Laban	01
Samuel Beckett	01
Serge Moscovici	01
Sêneca	01
Simone de Beauvoir	01
Soren Kierkegaard	01
Thomas Popkewitz	01

3. Variações das abordagens

O corpo também aparece em conexão com diferentes áreas de saber e/ou práticas. Muitas vezes elas figuram como uma espécie de gaveta na qual se coloca o que já se pensou, o que já se fez, o que já se falou. Mas elas também podem ter conexões múltiplas entre si, encontrar passagens, criar subcategorias.

Área de saber / prática	**Número de vezes em que é citada**
Educação Física	138
Educação (genericamente)	67
Dança	42
Linguagem	21
Cinema	16
Ciências (genericamente)	16
Educação Ambiental	16
Teatro	14
Artes visuais	14
História	10
Pedagogia	09
Filosofia	06

Filosofia da Educação	03
Música	08
Fotografia	07
Antropologia	06
Performance	06
Capoeira	05
Literatura	03
Matemática	03
Yoga	03
Libras	03
Religião	03
Geografia	02
Biologia	01

4. Níveis de Ensino

Se tomarmos as classificações por níveis de ensino, temos a seguinte relação de combinações do corpo:

Educação Infantil – 44 vezes

Ensino Fundamental – 09 vezes

Ensino Superior – 06 vezes

Ensino Médio – 05 vezes

Educação do Campo – 05 vezes

Educação Integral – 03 vezes

Educação Especial – 01 vez

5. Correntes téoricas

Quais teorias foram criadas acerca do corpo? Quantas teorizações tomam o corpo como objeto de estudo? Inúmeras, certamente. Muitas são evocadas nos resumos analisados. Se misturássemos autores com teorias, esses achados aumentariam significativamente e teríamos, por exemplo: Psicanálise x Freud (9 x 4) ou Psicanálise x Lacan (9 x 5). Dito de outro modo, os achados no arquivo organizam-se segundo certo perspectivismo, pois, dependendo das conjugações, os resultados se modificam – como se o que muda não fosse o que é dito, mas o

mundo em que isso é dito, ou seja, a variação dá-se no âmbito da enunciação, não na do enunciado, lembrando mais uma vez Foucault (2015).

Fenomenologia – 10 vezes
Estudos culturais -11 vezes
Psicanálise – 09 vezes
Filosofia da diferença – 07 vezes
Sociologia da infância – 03 vezes
Psicomotricidade – 03 vezes
Hermenêutica – 03 vezes
Semiótica – 01 vez

Entre o *topos* e o *atopos*

Os dados acima elencados nos instam a prosseguir refletindo sobre o tipo de trabalho arquivístico aqui em pauta, uma vez que um arquivo pode se constituir como um *topos*, lugar "onde podem coexistir todos os saberes e referências sobre as coisas do mundo" (Maciel, 2009, p. 66), mas também pode haver "uma profusão de arquivos espalhados em vários *topoi*" (Maciel, 2009, p. 66). Para os gregos, o termo *topos* dizia respeito a lugar e discurso. "A palavra grega topos é, por um lado, o lugar onde se acha e acontece algo específico e por outro, os topoi são, desde Aristóteles, os pontos de vista gerais de uma fala a partir dos quais sentenças persuasivas podem ser seguidas" (Trawny, 2013, p. 7).

Para designar a refração ao enquadramento – o que não pode ser inserido em uma classe ou categoria, restando na ordem do inclassificável –, Roland Barthes (2003) se vale do termo *atopos*. Este sinaliza o desafio ao sistema de classificações, pois, mesmo passando por vários *topoi*, não se instala em nenhum. A atopia, adverte Barthes (2003, p. 33), "resiste à descrição, à definição, à linguagem, que é *maia*, classificação dos Nomes (das culpas)". É desse modo que podemos pensar que as listas, catálogos, inventários e coleções compõem um processo, como afirma Vernant (*apud* Maciel, 2009, p. 28), nos quais os "arquivos de uma sociedade sem escrita, arquivos puramente lendários, não correspondem

nem às exigências administrativas, nem a um desejo de glorificação real, nem a uma preocupação histórica".

Também Umberto Eco (2010) aponta para a impossibilidade de tudo dizer ou descrever, referindo-se a Homero para designar o *tópos da indizibilidade*: "Frente a uma coisa imensa ou desconhecida, sobre a qual ainda não se sabe o suficiente ou não se saberá jamais, o autor nos diz que não é capaz de dizer e, diante disso, propõe um elenco abundante como amostra, deixando ao leitor a tarefa de imaginar o resto" (Eco, 2010, p. 49).

Mediante tal tarefa quimérica, optamos por um segundo procedimento de abordagem do material eleito: a inventariação. Por meio dela, operamos de modo a conjugar os achados anteriores sem partir de categorias já existentes, mas, ao contrário, intentando subverter a lógica dos sistemas estáveis de classificação. Nessa perspectiva, inventariar permite dar visibilidade não apenas às coisas já vistas, mas também à evidência da impossibilidade de mostrar tudo. Desse modo, o recurso da inventariação volta-se a elementos da ordem do inclassificável, ou seja, a classificações que não estão inseridas em categorias precisas, permitindo que sejam criados enquadramentos novos, incessantemente. Como pondera Maria Esther Maciel (2009, p. 15), "[...] se existe o inclassificável, é porque os sistemas de classificação disponíveis e legitimados são insuficientes e não dão conta de acomodar a complexa diversidade e multiplicidade do mundo".

Para Foucault (2000, p. XVI), as classificações são "os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas". Assim, em face das classificações hierárquicas, os procedimentos de inventariação permitem novos agenciamentos, outras composições arquivísticas, de modo que o arquivo seja tratado como um "[...] lugar a ser explorado, um labirinto cujos caminhos estão em constante movimento, ativado intensamente pelas imagens que invadem e colorem as gavetas monocromáticas, desorganizando a ordem linear dos documentos e títulos" (Pimentel, 2014, p. 138). Assim, o gesto de inventariar desativa o arquivo como espaço de conservação, tornando "[...] seus elementos ativos para a invenção de um outro real possível" (Pimentel, 2014, p. 133).

Por outra perspectiva, a inventariação também poderia ser compreendida como uma *arte do puzzle*, tal como sugere Georges Perec (2009, p. 14):

> [...] todo o gesto que faz o armador de puzzle, o construtor já o fez antes dele; toda peça que toma e retoma, examina, acaricia, toda combinação que tenta voltar a tentar, toda hesitação, toda intuição, toda esperança, todo esmorecimento foram decididos, calculados, estudados pelo outro.

Arte menor, mínima, segundo Perec, cuja incompletude denuncia a tentativa fracassada de controlar todas as possibilidades e combinações do mundo, a única coisa que conta, no domínio do puzzle, é a possibilidade de relacionar uma peça a outra, pois elas nada significam isoladamente: "o elemento não preexiste antes do conjunto, não é nem mais imediato, nem mais antigo; não são os elementos que determinam o conjunto, mas o conjunto que determina os elementos" (Perec, 2009, p. 11). A infinidade de construção de tabelas e a conjugação de seus elementos são, para Perec, uma forma de ficcionalizar tal procedimento que, por isso mesmo, nunca se concretiza.

De nossa parte, temos que a tentativa de classificar e inventariar os achados sobre o corpo na pesquisa educacional transita entre um *topos* e um *atopos*, ou seja, entre lugares mais estáveis do discurso e outros que se encontram sempre abertos a novas composições. Na esteira de Eco (2010, p. 15), não se trata de um infinito potencial, no qual "[...] não se sabe quantas sãos as coisas das quais se fala", mas um infinito atual "[...] feito de objetos talvez numeráveis, mas que nós não conseguimos enumerar – e tememos que sua numeração (e enumeração) não termine nunca" (Eco, 2010, p. 15).

Inventariações de inclassificáveis

Em um pequeno fragmento do livro *Classer/Penser*, do mesmo Perec, intitulado *Comment je classe*?, o autor afirma: "meu problema com as classificações é que elas não duram; eu mal termino de colocar em ordem e esta ordem já está obsoleta" (Perec, 2003, p. 163).

Pautados por essa espécie de lógica arquivística sempre inconclusa, agrupamos o que talvez fosse impossível ser classificado de modo ordenado, devido

às suas particularidades e variações. Vale lembrar que o caráter desse tipo de ordenação é aleatório e, em certa medida, poético, uma vez que tantas outras ordenações poderiam ser criadas, de acordo com a imaginação daquele que se dispusesse a fazê-lo. Contudo, é importante destacar que as categorias inventariadas a seguir surgiram do interior do próprio arquivo ou, mais precisamente, foram produzidas com base nos afetos produzidos do encontro com ele.

Talvez tal categorização servisse para nos lembrar, mais uma vez, o que Umberto Eco (2010, p. 117) situa com precisão: "Os motivos por que se elaboram listas práticas parecem óbvios. Mas por que se fazem listas poéticas? [...] porque não somos capazes de enumerar alguma coisa que escapa às nossas capacidades de controle e denominação".

1. Razão e corpo

Encontramos aqui uma crítica à cisão corpo-mente, ao corpo organizado, frente a uma posição clássica e dogmática do conhecimento, ou seja, o corpo tomado como um saber verdadeiro, como um organismo sensório-motor. Mas tal posição é sutil e controversa, pois, ao mesmo tempo em que há uma crítica a um pensamento dual cartesiano, há uma tentativa de definição do corpo como uma matéria estável e identitária: *o corpo é, o corpo é, o corpo é*.... Multiplica-se, assim, infinitamente os modelos de corpo a serem perseguidos.

2. Delírios e insubordinações do corpo

Corpo, corporeidade, corporalidade, corporificar, corporal, corpolatria, *corpus*. Corpos ciborgues. Corpos líquidos. Generificação do corpo. Poéticas do corpo. Corpo vibrátil. Corpo-escritura. Corpo-sensível. Gestos. Experiência estética. Corpo sem órgãos. Butô. Corpo biográfico. Prazeres do corpo. Escritas do corpo. Inscrições no corpo. *Embodiment*. Poesia do corpo. Corpo erótico. Potências da carne. Corpo-linguagem. Experimentações do corpo. Experimentações no corpo. Encontro do corpo com outros corpos. O que pode um corpo? Afetações do corpo. Sentidos do corpo. Práticas de si. *Contact improvisation*. Cor-

pos em trânsito. Corpo presença. Fantasia idiorrítmica. Corpo sensação. Corpos em movimento. *Performance art*. Como dizer do indizível do corpo?

3. Somos o nosso corpo

"Somos mãos, pés, boca, somos olhos, ouvidos, sexo; e porque os somos não os temos" (Ferreira, 2011, p. 257). O corpo é ambíguo, porque se o somos é como se estivéssemos nele, mas se podemos perspectivá-lo também estamos fora dele. Busca-se falar a partir dele e não sobre ele. Pode-se falar dele, do corpo, o tempo todo, mas ele não está lá. Onde está o corpo? Aqui, ali, não, já em outro lugar. Entrelugar. Forma. Informe. Materialidade. Presença-ausência. Contornos. Em torno. Multiplicidades. Trascendência. No mundo. Ser-no-mundo. Corpo-sujeito. Corpo-vivido. Corpo-memória. Corpo no mundo. Meu corpo. Ser corpo. Sou corpo.

4. Prefiro não

Escrever, dizia Marguerite Duras, "também é não falar. É calar-se. É uivar sem ruído" (Vila-Matas, 2004, p. 25). Sobre o corpo, talvez, fale-se demais. Escreve-se em demasia. Teoriza-se obstinadamente. Humanizar o corpo? Não, melhor emancipá-lo. Incluí-lo. Educá-lo. Performativizá-lo. Movimentá-lo. Subjetivá-lo. Medicalizá-lo. Quanto agenciamentos para o corpo? Diante do excesso, melhor, talvez, habitar a indeterminação do corpo, de modo a preservar sua potência infinita de recomposição.

5. Educação do corpo

Grades curriculares, métodos, disciplinas, avaliação. Espaços segmentados, empregos do tempo, hierarquização do saber, obediência, vigilância, torturas. Dociliza-se o corpo. Não há liberdade mínima para que possa haver um jogo de poder. "O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino es-

tivesse morto". (Ramos, 2003, p. 206). Cultura *fitness*, práticas de saúde, escolhas sexuais, prolongamento da vida, internet, mídia, educação à distância. Burnout. Depressão. *Yes, I can*. Exaustão do corpo.

6. Et cetera

Umberto Eco (2010, p. 7) lembra que já em Homero se oscilava entre uma poética do "tudo está aqui" e uma do "et cetera". Jorge Luis Borges (2007), no texto *O idioma analítico de John Wilkins*, cita uma enciclopédia chinesa intitulada *Empório celestial de conhecimentos benévolos*, a qual divide os animais em categorias inclassificáveis, em meio às quais uma das categorias chama-se et cetera. O artista Ricardo Basbaum, na 30ª Bienal do Mercosul, cria a categoria *artista etc.* para designar um artista que não é só *artista-artista*, mas que também questiona o papel de artista.

Diante da impossibilidade de classificar todos os achados sobre corpo, et cetera pode dar forma a tudo aquilo para o que não há nome designativo, ou, de outro modo, o que poderia estar presente em qualquer designação. Et cetera, então, encarna a multiplicidade de elementos, mas poderia ser também um *tudo vale*, no sentido de poder pertencer a qualquer categoria. Entenda-se aqui, também, uma necessária infidelidade que faz com que um texto circule de um autor a outro, de uma teoria a outra, usurpando o original. Em suma, o et cetera talvez apenas afirme os limites que nos obrigam a compreender que sempre sobram restos, não importa o quê.

Para além dos limites do corpo: variações

"Que corpo? Temos muitos", disse Roland Barthes (2006, p. 24) certa feita. Tal afirmação aponta para a ideia de que não há um corpo universal, centrado, unitário, predestinado aos discursos da ciência. Não há uma verdade do corpo, mas um mosaico de corpos atravessados pela história.

Para o filósofo Jean-Luc Nancy (1992), cada corpo é um caso particular no próprio sentido jurídico do termo. Assim, a cada corpo corresponderia uma espécie de jurisdição, de modo que a realidade do corpo seria a de "[...] uma

materialidade protéica mas singularizante, de uma historicidade anônima, mas inventiva, sempre lutando contra a dominação de abstração e do universal" (Sforzini, 2014, p. 9).

Ao perguntar o que é o corpo, Foucault (2013) responde de pronto: é lugar. Assim, o seu texto *O corpo utópico* já de início honra seu título: "Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo" (Foucault, 2013, p. 7). Foucault afirma tal ideia para lembrar que o corpo está aqui, nunca em outro lugar ou em lugar nenhum: "Meu corpo, topia implacável" (Foucault, 2013, p. 8). Contudo, o pensador, em seguida, desconstrói essa tese ao defender que o corpo é um lugar utópico, um não lugar, um corpo sem corpo, um corpo incorpóreo ou uma pura potência que pode ser aniquilada: "Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo" (Foucault, 2013, p. 14).

O que Foucault parece vislumbrar é que o corpo pode habitar lugares sem lugar, reinventando-os, abrindo horizontes desde o lugar em que se está. O corpo, portanto, pode ser lugar da diferença, do devir, da experimentação, das heterotopias breves. Um lugar de fora no lugar de dentro. Um entre-lugares, portanto. Talvez tal gesto tenha a ver com uma pergunta proposta por Sloterdijk (2016, p. 29): "Onde estamos quando estamos no mundo?"

Quantos corpos aparecem na literatura educacional? Há muitas diferenças no que diz respeito aos entendimentos, representações, discursividades e modos de descrição do corpo, que vão desde um corpo cartesiano até a um corpo vivo, não orgânico, tal como aquele proposto por Antonin Artaud.

Por outra via, pode-se evidenciar, nos achados, que há sempre um *continuum* entre o *corpus* teórico e as experiências corpóreas, isso porque o modo como um corpo é descrito e analisado não está separado do seu modo de inscrição no mundo.

Além disso, teorizar sobre o corpo também é uma experiência corpórea, de modo que os discursos sobre o corpo se misturam com os discursos do/no

corpo. Assim, os discursos sobre o corpo do aluno, do doente, da criança, da mulher, os discursos feministas, psicanalíticos, filosóficos, sistêmicos, os discursos sobre a sexualidade e sobre a (a)normalidade, são por um lado disciplinares, segmentáveis, mas por outro se deslocam para um lugar de opacidade, na medida em que se aproximam de um horizonte histórico-político e carregam consigo a materialidade corpórea de um conjunto de forças coletivas.

> Essa questão do corpo abriu um campo imenso através do qual tudo está ligado a tudo, uma vasta tessitura de problemas a partir do qual questiono se não há um estatuto especial da vida que corresponda a esse corpo; e também que tipo de tempo, que tipo de agenciamento de forças diferentes essa vida abre ao revelar um campo político ou social ainda a ser descoberto (Uno, 2014, p. 15).

É fato que o século XX tornou-se palco de pesquisas sobre o corpo e vários campos do saber debruçaram-se sobre as práticas do corpo, sobre os primados das neurociências, sobre a relação do corpo com a arte etc. Não parece ser por acaso que, nas últimas décadas, o corpo passou a ocupar lugar de destaque nos discursos das mais diversas áreas do saber, de modo que deve-se fazer o corpo falar, explorá-lo em seus aspectos mais íntimos, transformá-lo em matéria, torná-lo objeto de intervenção dos efeitos midiáticos, efetivá-lo como lugar de ação dos biopoderes, com vistas a otimizar a vida.

Talvez nunca tantos filósofos e pensadores acerca do corpo tenham sido lidos, citados e relidos, como é o caso de Foucault que aparece tantas vezes nos resumos da literatura educacional. Contudo, a incidência e a diversidade das discursividades sobre o corpo também nos mostra que, se é no corpo que tudo se passa, pois ele "é uma realidade bio-política" (Foucault, 1979, p. 80), é impossível apreender discursivamente o corpo em uma totalidade lógica. Portanto, mais do procurar uma verdade única sobre o corpo, talvez seja necessário pensar "como a verdade toma corpo no corpo" (Sforzini, 2014, p. 9).

Voltamos à Foucault para pensar que o corpo é um lugar utópico, para a qual criamos um projeto de saberes, práticas, instituições, um mercado que busca capturar, explicar, nomear e governar. Mas, pois por mais que tentemos capturá-lo e governá-lo, ele sempre nos escapa e nunca se realiza do

modo como o idealizamos. O corpo produz heterotopias incessantemente, esses lugares inquietantes, imprevisíveis, que explodem os limites dos espaços dados, transfigurando suas conexões com o mundo, produzindo espaços outros e nos possibilitando pensá-lo de outros modos.

Considerações finais

Foucault (2001) denuncia o temor que as sociedades possuem em relação ao incontrolável do discurso, ao que resiste à ordenação, a tudo aquilo que possa colocá-lo em risco e, assim, abrir espaço para a proliferação de suas formas, "[...] de tudo o que nele pode haver de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso" (Foucault, 2001, p. 50).

Quando se trata de um arquivo e, nesse caso, um arquivo sobre o corpo, menos interessa o sujeito da enunciação, ou seja, aquele que discursa, mas aquilo que da própria discursividade emerge. Mais do que isso, interessa problematizar o que mais pode ser dito, atualizado, conjugado e, inevitavelmente, dispersado. Não necessariamente como acréscimos e acumulações, mas como uma espécie de esvaziamento da regularidade, dos resultados, dos territórios codificados, pois, como relembra Foucault (2001, p. 49), "o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos".

Arquivar, classificar, arquivizar e inventariar as discursividades acerca do corpo consistiram no norte deste trabalho. As classificações e inventariações efetuadas foram uma tentativa, sem nenhuma pretensão de resultados estáveis, de demonstrar os diferentes modos como o corpo subscreve e, outras vezes, extravasa os discursos dominantes na pesquisa educacional, até mesmo porque "o enunciado é inseparável de uma variação inerente pela qual nunca estamos em um sistema, jamais paramos de passar de um sistema ao outro" (Deleuze, 2005, p. 17). Nessa perspectiva, outros arranjos analíticos com o arquivo em pauta fazem-se possíveis, tratando-se, afinal, da própria vitalidade do que aí se abriga e pede passagem.

Referências

Aquino, J. G. & Val, G. M. Do. (2018). Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. *Pedagogía y Saberes*, Bogotá, 49, 41-53.

Barthes, R. (2006). *O prazer do texto*. (J. Ginsburg, Trad.) São Paulo: Perspectiva.

Barthes, R. (2003). *Fragmentos de um discurso amoroso*. (M.V.N. de Aguir, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Borges, J . L. (2007). *Outras inquisições*. (D. Arrigugucci Júnior, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Deleuze, G. (2005). *Foucault*. (C. S. Martins, Trad.). São Paulo: Brasiliense.

Eco, U. (2010). *A vertigem das listas*. (E. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Record.

Ferreira, V. (2011). *Invocação ao meu corpo*. Lisboa: Quetzal Editores.

Foucault, M. (2015). *Arqueologia do saber*. (L.F.B. Neves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. (S. T. Muchail, Trad.). São Paulo: n-1.

Foucault, M. (2011a). A cena da filosofia. In: Foucault, Michel. *Arte, epistemologia,filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 222-247.

Foucault, M. (2001). *A ordem do discurso*. (L. F. A. Sampaio, Trad.). São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas*. (S. T. Muchail, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. (R. Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Graal.

Maciel, M. E. (2009). *As ironias da ordem*: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Nancy, J. L.(1992). *Corpus*. Paris: Editions Métailié.

Perec, G. (2009). *A vida modos de usar*. (I. Barroso, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Perec, G. (2003). *Penser/Classer*. Paris: Éditions du Seuil.

Pimentel, L. (2014). *O inventário como tática*: a fotografia e a poética das coleções. Rio de Janeiro: Contracapa.

Ramos, G. (2003). *Infância*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Sforzini, A. (2014). *Michel Foucault*: une pensée du corps. Paris: Presses Universitaire de France.

Sloterdijk, P. (2016). *Esferas I:* bolhas. (J. O. A. Marques, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade.

Trawni, P. (2013). *Adyton:* a filosofia esotérica de Heiddeger. (M. A. C. Schuback, Trad.). Rio de Janeiro: Mauad X.

Uno, K. (2014). *A gênese de um corpo desconhecido.* (C. Greiner, Trad.). São Paulo: n-1.

Vila-Matas, E. (2004). *Bartebly e companhia*. (M. C. A. J. V. Baptista, Trad.). São Paulo: Cosac Naify.